

“A Última Porta”

Pedro Estorninho

No começo de 2009, se não me falha a memória, foram descobertos dois homens de nacionalidade portuguesa que tinham sido feitos escravos em Espanha, trabalharam como escravos quatro anos nas piores condições humanas ou desumanas. Um deles apenas se lembrava do seu nome o outro da cara da filha e do nome da mesma quando foram encontrados.

O medo que os assolou e a coacção psicológica e física de que foram alvo, colocou-os em tal estado que nunca verificaram se a porta do buraco onde pernoitavam estava aberta, essa mesma porta nunca esteve trancada. Estiveram como presos no exterior. O Jornal Correio da Manhã publicou uma pequena notícia sobre estes dois homens, mais nenhuma imprensa falou do assunto.

Não deixo didascálias nem tempos de pausa ou silêncios, ficarão a cargo de quem dirigir o texto.

(Única indicação, A subalterno de B)

A – Que fazemos aqui? Ao que não nos foi possível tornar?

B – Suponho que as palavras se tornam obscuras entre nós... melhor, que fizemos da obscuridade um meio verbal.

O espaço ilimitado é o nosso cárcere. Perguntas bem, que fazemos nós aqui? Onde nada nos ouve, onde nós nos ouvimos e o resultado é nada.

É esta a nossa condição, um possível futuro onde a loucura poderá ser um alívio.

A – Então porque não nos deixam exercer!

B – Exercer?

A – Sim claro, exercer! Exercer ...exercermos o possível futuro lá fora, livres de o fazermos.

B – Mas nós estamos lá fora. Eu já te disse o espaço sem tamanho é o nosso cárcere.

A – Mas que condição esta nossa, a da liberdade em espaço algum, donos de todo o espaço.

B – Recordas há quanto tempo andamos por aqui?

A – Olhe para mim, há muito que não o faz. Olhe, recorda-se senhor que eu não ando. Há muito que não ando, tanto quanto o tempo que não me olha.

B – Sabes que tenho muito em que pensar...não posso perder-me em pequenos Carnavais. Importante é eu descobrir o porquê de aqui estarmos.

Já me esqueço de tanta coisa, diz-me de novo, como é que me chamo?

A – Isso não é importante, nem o meu nem o seu nome. Importante é lembrar-me como se anda. Olhe para mim um pouco.

B – Impossível neste momento... e temo que seja longo.

A – O quê?

B – O momento em que não te olharei.

Acho que foi por comida, tenho a certeza que foi por comida. Há se eu não me tivesse esquecido de tanta coisa!

A – Comida, o que é que foi por comida? Bem comida também era coisa boa que viesse.

B – Comida, sim por comida. Talvez tivéssemos subtraído algumas peças de fruta em algum local, em alguma tarde de primavera e a tivéssemos comido num banco de jardim, perto de um coreto a ouvirmos valsas.

A – Endoideceu!

B – Ainda não. Futuramente é possível.

A – Por comida não foi de certeza!

B – Mas então lembras-te, recordas alguma coisa?

A – Nem por isso e por isso mesmo.

B – Pronto endoideceu!

A – Ainda não, futuramente é possível...espero.

B – Bom, Bom.

A – Se fosse por comida eu ainda saberia o sabor é então por isso mesmo, como não me lembro é nem por isso.

B – Hã, percebo agora, acho.

Terá sido por ideias?

A – Não creio que as tivéssemos tido alguma vez.

B – Vês eu bem te digo e disse-te há pouco, as palavras tornam-se obscuras entre nós.

A – Eu sei. Faz-me lembrar a minha filha mais velha...

B – Tens uma filha?

A – Duas.

B – És casado? Tens mulher?

A – Sim, tenho duas. Mas casei só com uma.

B – Percebo, menos trabalho, menos preocupações, menos matrimónio, mais diversão...

A – Não senhor. A primeira morreu e com a segunda apenas vivíamos juntos.

B – Bom, isso também não tem interesse nenhum, falavas da...já não me recordo...

A – A minha filha mais velha, essa frase de as palavras já não nos servirem na clareza, lembra-me ela.

B – Porquê?

A – Chegou um dia a casa e disse à mãe, a minha mulher, que tinha visto uma coisa fantástica no caminho, tão fantástica que não precisaria de falar mais. A partir daí calou-se.

B – Sensata essa tua filha.

A – Porquê?

B – Ao calar-se guardou para ela a coisa fantástica. Nunca ninguém a encontrará nem poderá perguntar-lhe por ela.

A – Nunca tinha pensado nisso!

B – Está visto que não estamos aqui por sermos geniais em ideias.

A – Senhor, experimente bater naquela porta.

B – Qual porta?

A – A que está por detrás de mim.

B – Não posso é-me interdita.

A – Interdita como? Só aqui estamos nós!

B – Então corrijo, é-me auto interdita.

A – Não entendo.

B – Para ir lá bater teria de passar por ti e assim via-me obrigado a olhar-te.

A – Não entendo isso, começa a enervar-me!

B – Não percebes que é mais fácil assim.

A – Será que já não existimos?

B – Não conseguirás nada com isso!

A – O quê?

B – Não conseguirás nada com isso, conheço bem as regras do jogo e sei como evitar cair...

A – Ouvi-o?

A – Magnifico, foi fácil!

B – Que aconteceu, que é isto, que se passa?

A – Que foi? Que foi?

B – A luz, para onde foi a luz?

A – Que luz?

B – Fiquei sem luz!

A – Como?

B – Como? Como...é simples havia agora não há. Abre a porta depressa.

A – Não posso.

B – Hã, porquê?

A – Deste lado não existe porta.

B – Impossível!

A – Possível! Não existe mesmo.

B – Não pode ser?!

A – Pode, eu estou aqui e vejo, ou melhor, não vejo nenhuma porta.

B – Procura, depressa tenta encontrar outra saída.

A – Como se eu não ando!

B – Calma, vamos com calma. Diz-me o que vês, o que é que está aí desse lado?

A – Nada.

B – Nada como?

A – Nada! Aqui é igual aí mas só comigo.

B – Então também estás às escuras?

A – Não! Tenho até um sol fantástico. Se estivesse escuro como é que eu sabia que não havia porta.

B – Certo. Vamos pensar.

A – Tentemos.

B – Espera, se está sol...então não estás dentro de uma casa?

A – Não! Já disse que aqui é igual, mas só comigo!

B – Certo. O local exacto onde caíste de pois de te empurrar é exactamente como.

A – Tanta exactidão.

B – Como?

A – Nada. O local é uma janela.

B – Desisto.

A – Não percebo.

B – Desisto! Desisto!

A – Isso eu percebi, mas do quê não.

B – De nós, é impossível chegarmos a algum lado...

A – Eu cheguei a este!

B – ...a algum lado, a conseguirmos seguir juntos, a comunicarmos.

Entendes?

A – Mas isso já sabíamos.

B – Sabíamos?

A – Desde sempre, desde o início. Suponho que as palavras se tornam obscuras entre nós. Melhor, que fizemos da obscuridade um meio verbal. O espaço ilimitado é o nosso cárcere. É esta a nossa condição, um possível futuro onde a loucura poderá ser um alívio.

B – Quem disse isso?

A – O senhor.

B – Eu.

A – Sim.

B – Não me recordo, esqueço-me...diz-me como me chamo?

A – Não são importantes os nossos nomes. Importante é não baixarmos os braços.

B – Mas é exactamente por isso que nos encontramos nesta situação.

A – Recorda-se do motivo?...

B – Não, esta frase veio-me agora à cabeça.

(Terceira única indicação, pausa grande)

A – Está aí?

B – Estou.

A – Está acordado?

B – Sim.

A – Diga qualquer coisa.

B – Não posso estou a lamentar-me.

A – Como?

B – Estou a lamentar-me!

A – De quê?

B – De não ter olhado para ti.

A – Não percebo.

B – Se tivesse olhado para ti, tinha-te visto e assim...agora...podia ter saudades tuas.

A – Mas eu estive sempre aí e os seus olhos também.

B – Mas nunca pensei que viessem a não estar.

A – Estava seguro na incerteza?!

B – Talvez. Mas agora também não adianta estar para aqui a lamentar-me.

Diz-me como estás?

A – Eu estou bem obrigado. E o senhor?

B – Mais ou menos, doem-me um pouco as costas e um braço.

A – Pois, isso é que é pior.

B – Mas conta-me, como te sentes?

A – Vou-me acostumando.

B – A quê?

A – A isto de estar deste lado, sempre é diferente.

B – Pois claro, mas sabes é a vida tem que ser.

A – O que é que tem de ser?

B – Sei lá! Sempre ouvi as pessoas dizerem isto umas às outras, é mais ou menos fazer conversa.

A – Certo, então estamos a ter uma conversa séria como as pessoas fazem?

B – Isso.

A – Continuemos então.

B – Como vai a tua família?

A – Não sei.

B – Não sabes?

A – Não! Estou aqui como posso saber.

B – Claro, tens razão! Tentemos outra coisa. Então como vai o trabalho?

A – Parado.

B – Mas corre mal?

A – Nem por isso, apenas parado e o senhor deveria saber isso.

B – Eu, porquê?

A – É o meu chefe.

B – Pois sou. Realmente as coisas têm andado paradas.

Bom mas há que mudar, tenho de pensar no assunto.

A – Agora?

B – Não! Depois, agora estamos a ter uma conversa séria, como fazem os outros.

A – Quais?

B – Os outros, as pessoas.

A – Não me parece grande coisa, isto das conversas sérias.

B – A mim também não. Parece que o segredo consiste no meio-termo.

A – Ora aí está outra coisa que nunca entendi, o meio-termo. Como é possível um meio-termo.

É como esta meia viagem está a correr bem, que delicioso este meio prato de guisado, amo tanto aquela meia mulher, hoje o meio filho do meio fez-me cá uma patifaria e por aí fora. Que é isso do meio-termo. Ou é ou não é! Quem afirma que chega a um meio-termo é um tolo completo.

B – Ei, ei...calma já percebi a tua posição, calma.

A – Eu sei, mas enerva-me por completo a não tomada de posição. Ou é ou não é!

B – Como ser agnóstico, é um acto de defesa infantil e covarde. Milhares e milhares de anos e nada lhes serve. Aí estou contigo, ou se acredita ou não. Benditos ateus, ao menos são mais sérios.

A – Essa frase não foi muito feliz.

B – Qual?

A – Benditos ateus. É quase um oximoro.

B – Sim realmente...bem visto, realmente não é das melhores frases.

(Quarta única indicação, pausa longa)

A – Olhe...

B – Não posso. Daqui não consigo.

A – É maneira de falar, escute.

B – Sim.

A – Começo a preocupar-me a sério. Estamos com dois problemas, primeiro é você vir para aqui ou eu ir para aí, depois é sairmos deste lugar os dois.

B – Eu sei...estás a ouvir? É de novo o elevador.

A+B – Estamos aqui, soltem-nos, aquiiii...

B – Lá se Foi.

A – Ouviu o som ao mesmo tempo que eu?

B – Acho que sim.

A – Então estamos perto, muito perto um do outro. Bata três vezes na porta.

B – Aqui vai***

A – Espere agora vou responder***

B – Estamos perto.

A – Pois estamos, como é o local onde está?

B – Então mas tu estiveste aqui!

A – Eu sei, mas agora escuro como é?

B – Bem...não é escuro, escuro. Tem uma pequena luz ao fundo.

A – Não se preocupe mais, já sei onde está!

B – Onde?

A – Num túnel!

B – Que disparate.

A – Pode não ser disparate nenhum, porque não caminha até à luz?

B – Posso não encontrar o caminho de volta para a porta.

A – Uma pergunta posso?

B – Sim diz.

A – Já tirou a venda dos olhos? Já vê?

B – Outro disparate, claro que sim.

A – Pronto está bem. É que poderia estar escuro por causa da venda.

(Quinta única indicação, pausa média)

B – Mas acho que nunca vi.

A – Como?

B – Nada.

A – Está bem.

(Sexta única indicação, pausa longa)

A – Senhor.

B – Sim.

A – Estou com medo.

B – Eu também.

A – Ainda não percebo há quanto tempo, porquê e onde estamos.

B – Nem eu. Como me chamo?

A – Isso não interessa, temos de sair daqui!

B – Do pouco que me recordo e se não for imaginação ou loucura, lembro de estar sempre em viagem. De nunca estar sem ser sempre em viagem.

A – Eu disse-lhe.

B – O quê?

A – Ao que não nos é possível tornar. O que não nos é possível retomar.

B – Certo, é que a lembrança do que não nos é possível, como tu dizes, já não existe. Tenho um medo maior.

A – Qual?

B – E se ao sairmos daqui percebermos que nunca existiu nada além disto. Ou se chegarmos a esse impossível e não o reconhecermos, pior, ele não nos reconhecer.

A – Nunca pensei nisso. Mas é possível que as coisas mudem, eu estava aí agora estou aqui.

B – Estás melhor do que aqui?

A – Não.

B – Vês!

A – Espere...talvez esteja. Desse lado...quando aí estava, raramente falávamos, embora existisse proximidade física e luz. As palavras que emitíamos como meros sons eram ocas de sentidos, vãs...obscuras.

B – Como podes afirmar isso...

A – Porque agora a fisicalidade é impossível, mas tentamos unir-nos para sairmos desta situação...

B – Possivelmente até terás razão, mas isso não resolve nada.

A – Vamos tentar? Pensemos em conjunto.

B – Ao sinal três. Um, dois, três...

A – Espere.

B – Que foi?

A – Combinemos antes o que pensar, para ser mais coerente.

B – Quando eu disser três, imediatamente pensamos na frase “sair daqui”.

A – Vamos a isso!

B – Um, dois, três.

(Sétima única indicação, pausa longa)

B – Estás a pensar?

A – Pronto interrompeu a energia, não pode ser assim, silêncio absoluto.

B – Certo. De novo vamos lá.

A – Um, dois, três.

(Oitava única indicação, pausa muito longa)

B – Que barulho foi este, estás no mesmo sítio?

A – Não.

B – Não? Está a dar resultado, eu sabia, onde estás?

A – Não fique tão feliz, fui eu que adormeci e caí.

B – É melhor desistir disto, não vou pensar mais.

A – Desculpe é que comecei a pensar em si aí sozinho, com tudo escuro, deu-me o sono.

B – Não é bem tudo escuro, tem uma pequena luz ao fundo.

A – Não estará num túnel?

B – Não já te disse.

A – Começo a ficar esquecido...

B – Isso não importa. Importante é saber porque aqui estamos e sairmos...

A – Eiiiiiiii estamos aqui, apareçam, estamos aqui...

B – Está doido!

A – Ainda não futuramente talvez. Não ouviu?

B – O quê?

A – O barulho do elevador.

B – Não.

A – Tenebroso, nem quero acreditar!

B – Que foi? Que foi?

A – Isso é mau sinal.

B – Será? Será que estou a ensurdecer?

A – Não. Pior... eles querem separar-nos.

B – Eles quem?

A – Não sei, nunca os vi.

B – Eu também não. Espera, eu vi um que aqui estava, com um ar ardiloso, mas depois desapareceu.

A – Endoideceu!

B – Ainda não mas futuramente é possível...

A – Esse era eu e depois saltei por cima da porta empurrado por si.

B – Pois foi...

A – Mas de qualquer maneira desculpe o aspecto, sabe que aqui é difícil o aprumo.

B – Não faz mal de qualquer modo eu esqueço-me muito, como é o meu nome?

A – Isso não importa, importante é sairmos daqui. Temos de arranjar outra solução. Já percebi que a pensar não vamos a lado nenhum. Digo mais nem pensar nisso é bom.

B – Mas tu é que adormeceste!

A – E você não me acordou!

B – Como se não te via e além do mais estava a pensar e pensei que estavas a fazer o mesmo...

A – Olhe a pensar morreu um...

B – O quê?!

A – Nada, nada.

(Nona única indicação, barulho de elevador mais forte e alto, seguido de pausa média)

A – Nem tenho coragem de perguntar.

B – Pergunta.

A – E este também não ouviu?

B – Ouvi e bem.

A – E então?

B – Então o quê?

A – Não sei bem.

B – Não entendo.

A – Eu também não. Não entendo nada e cada vez mais menos.

B – Vamos com calma, estás a deixar de fazer sentido.

A – E alguma vez fizemos.

B – Suponho que sim.

A – Será que já estou a viver no tal futuro?

B – Impossível viver o futuro sem chegar a ele.

A – Mas a cada segundo o futuro vem de encontro a nós.

B – Tens razão. Mas digo que mesmo a chocarmos com o futuro ou ele a interpelar-nos ao segundo, afirmo que não fizeste sentido!

A – É preciso fazer?

B – Não.

A – Então...

B – Se calhar o que não faz mesmo sentido é tentar sempre dar sentido a tudo.

A – Mas isso também não tem sentido.

B – Mas tem rumo e ao menos uma direcção.

Uma pergunta?

A – Sim.

B – Dói-te o estômago?

A – Como?

B – Se te dói o estômago?

A – Mas assim de repente uma pergunta dessas...

B – É que a mim quando tenho medo ou fico deprimido, dói-me o estômago.

A – Mas dói-lhe agora?

B – Sim muito.

A – Qual a razão mais forte?

B – Uma novidade, estou triste.

A – Obrigado.

B – É voluntário.

A – Não. Obrigado por esse sentimento.

B – desculpa mas não é bem por ti. Também é um pouco.

A – Então é por?

B – Recordei-me do meu quarto, como era acordar no meu quarto.

A – Tinha-se esquecido das coisas...

B – Sim mas recordo-me agora do meu quarto.

A – Quer falar disso?

B – Sim.

A – Então vamos lá!

B – Bem, era quase sempre a minha mãe que me acordava, escusas de perguntar não me lembro do seu nome, mas sei que me acordava e dizia sempre...

A – O quê?

B – Bom dia!

A – Muito bem.

B – Que querias que dissesse era de manhã.

A – Claro!

B – Depois, quase logo a seguir era “ O pai está à espera, se não te despachas ficas sem sobremesa ao almoço” .

A – Que acordar.

B – Eu sei, bonito não era?

A – Como?

B – Era bonito não era?

A – Poderá ter o seu encanto.

B – Mas o melhor mesmo...

A – O que virá...

B – Espera...o melhor mesmo era quando ela saía e eu ia à janela e estava sempre lá...

A – Quem, quem?

B – Que chato, sempre a querer saber tudo, sempre a querer saber da privacidade dos outros. Acabou-se não conto mais nada!

A – Mas você é que começou a contar as coisas, eu não lhe pedi nada, aliás nem perguntei nada.

B – Claro, velha desculpa de caçador noctívago, de mansinho para levar a presa à certa. Conheço-os muito bem, muito bem mesmo. Deixamo-nos ir, as coisas são-nos mostradas de modo favorável, a conversa encanta...

A – Mas eu estava calado...

B – Claro, claro! E quando damos por isso estamos nas vossas tocas a sermos comidos em sangue. Mas a mim não, eu estou bem preparado para essas coisas, não sou presa fácil. Lá por ter uma cólica e o sentimento subir mais alto que a tenção, não me deixo enveredar pelo caminho gratuito da sedução alheia...

A – Pronto! Basta! Já percebi, não é preciso ir mais longe, nem gastar mais discurso.

(Décima e única indicação, pausa longa)

B – E tu lembras-te de alguma coisa da tua casa?

A – Não, mas sei que tinha pais.

B – Ainda bem, isso alivia-me e deixa-me contente!

A – Por?

B – Se não os tivesses não existias e eu estaria a enlouquecer porque pensava que estava a falar com alguém e esse alguém não existia se não houvesse filiação. Portanto ao teres pais simplifica muito mais a coisa.

A – Pensamento acertado.

B – E?

A – O quê?

B – Os teus pais?

A – Nada de especial, a minha mãe acordava-me, tomávamos todos o pequeno-almoço juntos, vivia com mais três irmãos e uma tia. Bom não era bem uma tia, era uma senhora amiga da minha avó, que a substituiu.

Depois do pequeno-almoço o meu pai brincava sempre comigo e com...

B – E eram obrigados?

A – A quê?

B – A brincar com ele?

A – Não. Suponho que gostávamos. Mas já não me lembro bem.

B – Hã.

(Décima primeira única indicação, pausa média)

B – Como é que me chamo?

A – Isso não é importante. Importante é sairmos daqui.

B – Certo. Vamos a isso.

A – Correcto pensemos.

B – Outra vez. Não deu certo e depois...

A – Inovemos então.

B – Como?

A – Eu finjo que estou morto...

B – Para mim? Mas eu não te posso tirar daqui.

A – Não é isso. Vamos com calma. Eu finjo que estou morto, assim tem um motivo para começar a gritar e chamar por alguém para ver o que se passa, vê por onde esse alguém entra e nós fugimos por aí.

B – Custa-me dizer mas é genial.

A – Claro que também estarei morto para si, tem de acreditar para tornar a coisa credível.

B – Certo.

A – Pronto?

B – Espera. E qual é a causa da tua morte?

A – Isso não é importante.

B – É sim, para eu poder interiorizar melhor e contar sem falhas como aconteceu.

A – Está bem. Eu bato com a cabeça e nunca mais acordo.

B – Genial...que barulho foi este, que aconteceu?

A – Fui eu. Fingi que bati com a cabeça.

B – Certo. Desculpa, faz outra vez. Eu conto até três. Um, dois, três...

A – Espere, aos três ou depois?

B – Aos três.

A – Está bem.

B – Um, dois, três.

A – É agora.

(Décima segunda única indicação, pausa muito longa)

A – Então não chama ninguém?

B – Calma, estava a criar pena por ti.

A – Como?

B – Pena. Então morre uma pessoa e nós temos um momento particular. Primeiro abstracção, depois vem a realidade, de seguida uma pausa e logo imediatamente à pausa um choro ininterrupto.

A – Bom a ver se nos entendemos. A única fase que existe aqui é eu bater com a cabeça, morrer e logo imediatamente começa uma gritaria sem interrupção, está bem?

B – Então é sério sempre bates com a cabeça?

A – Simplificando, Quando ouvir uma batida grita que nem um perdido “Acudam, acudam, acudam”.

B – Já podias ter explicado!

A – Deixemos isso para depois, voltemos à contagem.

B – Um, dois, três.

(Décima terceira indicação, pausa curta)

B – Acudam, acudam, acudam...passa-se qualquer coisa, passa-se qualquer coisa...

A – O quê?

B – Que quê?

A – O que é que se passa?

B – Sou eu a gritar como combinado, o que é que haveria de se passar?!

A – Mas tinha de dizer somente “acudam” e começou com o “passa-se qualquer coisa”

B – Já percebi que não vamos a lado nenhum com isto. O melhor é realmente ficarmos quietos. Se acontecer alguma coisa acontece.

A – Pronto é você quem manda, já não está cá quem bateu com a cabeça.

(Décima quarta única indicação, pausa longa)

B – Diz-me outra vez como é isso desse lado.

A – Já disse!

B – Eu sei, mas agora diz-me mesmo, para eu ter vontade de aí estar.

A – A sério que quer?

B – Sim.

A – Senhor, à minha direita desenha-se um mar quase virgem de um azul que ninguém alguma vez conseguirá pintar, o areal de tão branco funde-se com os nossos olhos. Mas aqui nunca se está sozinho, tenho somente um pedaço de chão que mal caibo de pé...

B – Na areia?

A – Não. Mesmo antes desse areal existe uma cidade enorme, repleta de gente e casas...e casas senhor. Existem também mulheres lindíssimas, caminham deixando-nos estonteados com os seus aromas e quase cegos com o rasto de luz que fica no se caminho.

B – E tu consegues caminhar?

A – Claro! E não só.

B – Que mais?

A – Já tomei uns mil banhos neste mar, corri a serra toda até tombar e o cansaço me ter levado para os braços das mulheres mais inimagináveis.

B – Que dizes, então não é uma cidade, de que serra falas, conta-me.

A – Esqueci-me de dizer senhor...

B – O quê? O quê?

A – É que a cidade e estas gentes vivem entre terra e mar.

À minha esquerda onde finda a cidade, começa um prado enorme que vai dar a uma floresta. Mas o melhor é quando a floresta se começa a dispersar acabando numa serra com picos enormes de neve.

B – Que língua fala essas gentes?

A – Temo que nunca a tenha ouvido, desconheço-a.

B – Como é?

A – Senhor é como música, como se ouvíssemos uma das melhores sinfonias.

B – Agora chega...chega...quero descansar fechar um pouco os olhos.

A – Não! Não podemos desistir agora.

B – Porquê?

A – Não sei.

B – Diz-me...

A – Sim.

B – Como me chamo?

A – Isso não importa. Importante é sairmos daqui.

Porque não tenta vir para este lado? Descobrir o que lhe acabei de contar.

B – Não adiantaria, continuaria a ver tudo escuro apenas com uma luz ao fundo.

A – Como é essa luz que vê? Conte-me como é?

B – Não consigo perceber bem. Cada vez a vejo menos, está a tornar-se num ponto muito pequeno.

(Décima quinta única indicação, este som terá de ser ensurdecador)

A – Está mais perto. Ouviu? Aterrador. Só pode ser um elevador, grite! Grite!

B – Não ouço nada! Onde? Grito para onde? Para que lado?

A – Não interessa grite alto, alto.

B – Estamos aqui, aqui, aqui ouviram, não nos podem ignorar filhos da pu...

A – Pare!

B – Hã!

A – Pare é melhor.

B – Mas tu disseste para eu gritar.

A – Sim mas não acho boa ideia irritá-los com essa coisa de chamar-lhes filhos da...

B – Tens razão, talvez não seja boa ideia chamar-lhes filhos da pu...

A – Pois não. Vamos repensar tudo.

B – Uma pergunta posso?

A – Sim.

B – Queres mesmo sair de onde estás? Depois do que me descreves-te. O que te espera lá fora?

A – Lá dentro.

B – Onde?

A – Lá dentro, não é lá fora.

B – Sim claro. Mas o que te pode esperar?
A – Não sei, mas prefiro o que possa vir a acontecer, do que o que nunca acontece.
B – Não percebi.
A – São coisas cá minhas.
B – Pronto não me meto mais nisso.
A – Ouça...
B – Estamos aqui, venham, aquiiiiiiii...
A – Porque é que está a gritar? Pare!
B – Tu disseste ouça?
A – E então ?
B – Pensei que era o barulho.
A – Não é nada disso, ouça de me escutar. Entende?!
B – Sim pronto. Não precisas de gritar.
A – Então faremos assim, quando for para o barulho eu digo ouça...
B – Foi o que fizeste...
A – Calma. Quando for para o barulho eu digo ouça, quando for para me ouvir eu digo escute.
De acordo?
B – Está bem.
A – Isto está a complicar-se.
B – Só agora é que achas isso?
A – Tem razão está a complicar-se há muito.
B – Agora vou ter mesmo de fechar um pouco os olhos. Estou cansado, muito cansado.
A – Porque não caminha um pouco, desentorpecer as...
B – Não consigo.
A – Vá lá animo também não esteja assim
B – Não consigo.
A – Como não consegue?
B – As pernas não me obedecem. A minha cabeça está a perder o controlo sobre o corpo...suponho que o meu braço direito também me está a abandonar.
A – A sério?
B – Não, não é a sério sou eu que estou a fazer conversa. Claro que é a sério!

(Décima sexta única indicação, pausa longa)

A – Tem os olhos fechados?
B – Sim.

A – Mas consegue ver?

B – Não.

A – Pronto agora cegou!

B – Que disparate! Qual ceguei, não vejo porque estão fechados.

A – Que alívio. Pode abri-los para falarmos um pouco?

B – A minha boca ainda funciona muito bem, não preciso de piscar os olhos para comunicar.

A – Lembrei-me de uma coisa.

B – Diz.

A – E se eu fosse para aí?

B – Não sei se seria boa ideia.

A – Porquê?

B – Se aparecer alguém desse lado safas-te e a mim também. Se aparecer alguém deste vice-versa.

A – Tem lógica.

B – Pois tem.

A – E se nunca aparecer ninguém?

(Décima sétima única indicação pausa)

B – Diz-me como me chamo?

A – Isso não é importante...ouça, ouça, ouça!

Porque é que não gritou, porque é que não gritou?

B – Que queres que grite, diz-me que queres que grite? Diz-me!

A – Sair daqui! Sairmos daqui...sairmos daqui.

B – De nada vale a pena a nossa voz. Este é o nosso cárcere, um espaço ilimitado com todo o tempo vazio para nós. Coberto por palavras obscuras que se matam umas às outras, tornando o discurso efémero e tenebroso.

A – Não acredito nisso, não aceito isso.

(Última indicação, pausa longa)

B – Estou cansado, uma pergunta posso?

A – Sim.

B – Recordas-te porque é que aqui estamos?

A – Senhor, acho que chegámos ao tal futuro.

B – Qual?

A – Aquele em que podemos exercer.

B – Tens a certeza.

A – Sim. Estamos a exercer e penso que há muito.

(Última indicação a seguir à última, Pausa média)

A – Senhor. Senhor, senhor...começa por B... mais não me lembro...

Fim